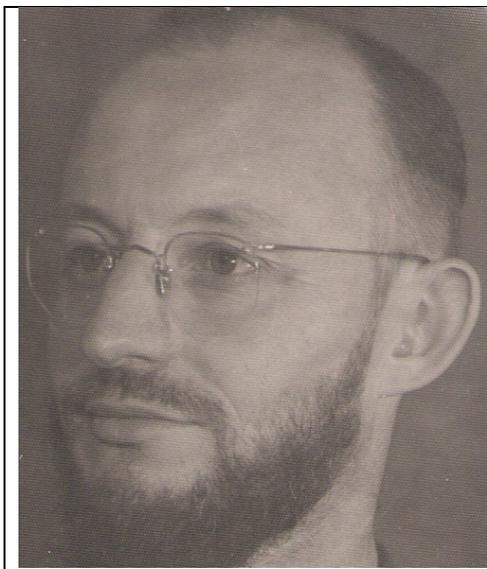


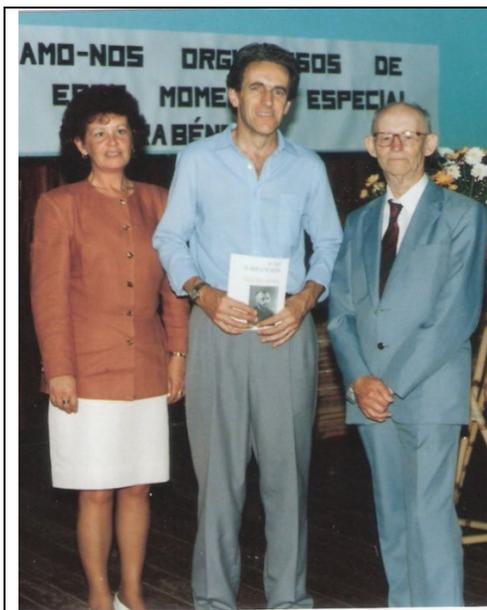
De **FIDÊNCIO DALCIN** para **FIDÉLIS DALCIN BARBOSA**



Frei **Fidélis de Carlos Barbosa**



escritor **Fidélis Dalcin Barbosa**



Com poetas e escritores - Carmen e Ir. Marta – na Festa dos 80 anos (1995)

Ignacio Dalcim

De
FIDÊNCIO DALCIN
para
FIDÉLIS DALCIN BARBOSA

Passo Fundo
2021

O ESCRITOR FIDÉLIS DALCIN BARBOSA

No dia 13 de novembro de 2016 a convite do cronista e escritor Diogo Guerra, patrono da 26ª Feira do Livro de Carlos Barbosa, fiz uma apresentação sobre “Quem foi Fidélis Dalcin Barbosa?”. O que segue é, antes de tudo, uma homenagem a este meu amigo querido, com quem tive a felicidade de conviver durante seus últimos vinte anos de vida.

O nome adotado pelo nosso parente e escritor merece ser explicitado, pois de Fidêncio Dalcin, passou a ser, como escritor, Fidélis Dalcin Barbosa. Seus pais, ANTÔNIO E MARIA, ambos da família DALCIN, batizaram este seu segundo filho com o nome de FIDÊNCIO, que a Ordem dos Frades Menores de São Francisco, os Capuchinhos, trocou por FIDÉLIS, como era costume no século passado.

FIDÉLIS – “de *fides*, da fé, que o faz homem de Deus no meio do seu povo; homem da *fidelitas*, que o faz homem dos homens junto de Deus”, como bem lembrou seu grande amigo, o sábio escritor Frei Rovílio Costa, por ocasião da celebração dos “**80 anos de amor ao trabalho**”, na festa que fizemos em Lagoa Vermelha, no dia 15.11.1995.



Os dois Rovilio Costa, Fidélis e Carmelina, Irmã Marta e três colegas e Ignacio Dalcim

DALCIN – da família dos Dal Cin, que no Brasil se traduziu por Dalcin, algumas vezes por Dalcim e outras até por Dalsin. Mas todos da mesma sepa, provavelmente originários de um grupo de ciganos húngaros que se fixaram no Vêneto, por volta do século XV, apelidados pelos autóctones de “dei zin”, ou seja, “os ciganos”. Os primeiros Dal Cin chegaram ao Brasil no ano de 1884, depois de uma viagem cheia de peripécias, superando muitas dificuldades e perigos, graças à intercessão de Nossa Senhora do Rosário. E o Fidélis descende dos Dal Cin duplamente, ou seja, do pai e da mãe também.



(Sarmede) de onde partiram nossos antepassados e a Imagem della Madonna dei Migranti¹

BARBOSA – não de Rui Barbosa, ou de tantas famílias que carregam este sobrenome ilustre, mas, segundo o costume da Ordem dos Capuchinhos, do nome do município de Carlos Barbosa, terra mãe que acolheu os nossos antepassados. Portanto, FIDÊNCIO, filho de Antônio e Maria, ambos Dalcin, agregou ao nome Fidélis as fontes de sua origem: a Família, a Ordem dos Capuchinhos e a Terra Natal, tornando-se conhecido como escritor **Fidélis Dalcin Barbosa**.

A **biografia do Fidélis** não é tão simples, como tentarei descrevê-la a seguir. Quem quiser conhecer mais profundamente a alma deste personagem singular, terá que ler com atenção os livros que ele mesmo escreveu: ***Caminhos do Senhor*** e o já citado ***80 anos de amor ao trabalho***.

Caminhos do Senhor é uma revelação velada do interior, da alma e do coração deste nosso parente que, poderíamos, sem grande ousadia, defini-lo como *santo*, como bem afirmou o Frei Nestor Ferronato, no dia 11 de junho de 1997, em Bento Gonçalves, por ocasião da celebração de sepultamento. Sim,

¹ Essa histórica imagem, em estilo rococó, se encontra numa pequena capelinha de tijolos, no interior de Arroio Grande, entre Silveira Martins e Santa Maria. No 2º domingo de outubro, acontece uma Procissão com a Imagem “della Madonna dei Migranti” da dita Capelinha até a Matriz da paróquia São Pedro de Arroio Grande.

porque Fidélis foi um homem do bem. Seu jeito de ser não era arrogante, nem orgulhoso, mas simples. Seu coração franciscano era como o de uma criança, diríamos do jeito como Jesus recomenda para se entrar no Reino dos Céus.

80 anos de amor ao trabalho traduz a vida de quem se fez antes *amor e trabalho*. Amor no lar, em Carlos Barbosa, terra que lhe foi berço, terra de gente símbolo de amor ao trabalho. Amor e trabalho na Ordem Capuchinha, que lhe deu segundo berço e que o incumbiu como pároco-coadjutor em Veranópolis (1941-1942), onde fundou a primeira Biblioteca da cidade.

Depois, em 1943, com Frei Bernardino Vian, deu início à paróquia do Fragata, em Pelotas² e se tornou confessor do Bispo D. Antônio Zattera. Nesta terra de maioria de origem lusa, ficou fascinado com o carinho e afetos das moças. Por isso, em janeiro de 1946, foi transferido para Vacaria, onde tomou posse como pároco da Catedral.

Um dia, com D. Cândido Bampi, viajou para Porto Alegre, onde encomendaram, na Casa Genta, o artístico altar central da Catedral, que abriga uma belíssima imagem de N.S. da Oliveira, porém, bem diferente da *histórica imagem* encontrada naqueles campos, na década de 1750³. Foi em meados de 1946, enquanto se recuperava de uma cirurgia de apendicite no Hospital N.S. da Oliveira, que conheceu a jovem enfermeira Carmelina Camatti, com quem se

² O visual característico dos capuchinhos, barba e corte do cabelo tipo coroa, foi objeto de chacota por parte de um grupo de jovens estudantes de Pelotas, que à sua passagem ouviam arremedos de bode. Certa feita, frei Bernardino Vian, irritado subiu no muro da Escola São José e fez um discurso acalorado defendendo o visual semelhante ao de Tiradentes e de Jesus Cristo, rompendo com algumas frases em Latim. Depois disto ninguém mais se atreveu a ridicularizá-los por causa da barba.

³ Naquela época os padres da Catedral atendiam uma grande região, incluindo Bom Jesus e Ausentes e as comunidades (Capelas) eram visitadas a cavalo. O Fidélis me contou que certa vez ao celebrar na Capela de São Sebastião, caminho que vai para Bom Jesus, seu acompanhante e coroinha Vasco Paganella, futuro sacerdote, então com oito anos, caiu do cavalo, que se assustara com uma perdiz, ficando dependurado no estribo por uns 50 metros, sem se machucar. Nos tempos em que fui pároco da Catedral o dito "Potreiro dos Padres", terreno que sobrara em frente a atual Escola Irmão Getúlio, virou um loteamento, pela iniciativa do Pe. Olímpio Pagnoncelli, possibilitando a recuperação econômica da paróquia da Catedral que estava endividada.

casaria 26 anos mais tarde. Após denúncias do Frei Geraldo ao Frei Romualdo Mulinari, então reitor do Seminário Diocesano de Caxias do Sul, de que tinha muitas 'amizades' com moças e de que recebia muitas cartas das jovens de Pelotas, foi transferido para Caxias do Sul. Enquanto foi professor de Latim, Português, História e Geografia no Seminário N.S. Aparecida de Caxias do Sul, auxiliava ao Pe. Eugênio Giordani na paróquia de São Pelegrino, sendo também capelão do Colégio São Carlos.

Em fins de dezembro de 1947 foi nomeado diretor do Correio Riograndense, em Garibaldi. Foi neste ano, que o então Frei Fidélis iniciou uma campanha pró-construção da estrada de São Vendelino, que só não foi construída de imediato, devido à intervenção expressa de D. Vicente Scherer, com medo de que a corrupção entrasse naquela colônia... Frei Fidélis, em meados daquele mesmo ano de 1947, aceitou um grande desafio: completar a equipe dos fundadores da Província dos Freis Capuchinhos da cidade do Porto, em Portugal.

Naquele tempo, atravessar o Atlântico era uma grande aventura. Frei Fidélis chegou ao Rio de Janeiro em meados de julho, acompanhado dos Freis Bernardino Vian (1912-1985) e Sabino Gingo (1919-1991), que rumavam para o mesmo destino. Os 15 dias, enquanto esperavam para embarcar no navio Santa Cruz, foram suficientes para Fidélis conquistar o coração da carioquinha Arlete, que lhe presenteou com muitos livros, dinheiro e, posteriormente, com a assinatura do jornal Diário de Notícias. Durante a travessia fez amizade com o escritor Luís Câmara Cascudo, que lhe pediu uma nota de 10 cruzeiros, devolvendo-lhe depois, uma nota de 100... E ficaram para trás as *perigosas amizades femininas*, bem longe, separadas agora por um oceano de lágrimas.

Nos cinco anos em que esteve em Portugal (1947-1952), Fidélis realizou muitas aventuras: chefiou uma peregrinação em 'limosine', durante 33 dias, viajando pela Espanha, França, Suíça e Itália. Visitou o Santuário de Lourdes, o mausoléu de Santa Teresinha em Lisieux, os pontos turísticos de Paris. Atravessou os Alpes suíços passando por Como, Milão, Florença e Pisa. Visitou os santuários de Caravaggio, de Santa Rita de Cássia, de Santo Antônio de Pádua, de São

Francisco em Assis, de Loreto, passaram por Nápolis, visitando as ruínas de Pompéia e Herculano, estiveram 15 dias na Roma dos imperadores e papas, recebendo a bênção de Pio XII. Na volta passaram por Marselha, Barcelona e Madri. Fidélis, com o aval dos seus superiores, também realizou algumas viagens como contrabandista para Tanges, norte da África, uma espécie de Ciudad del Este para os portugueses. De lá trouxe o primeiro relógio de pulso e rádio portátil, que chegaram a Lagoa Vermelha.

Em maio de 1952, o navio Vera Cruz trouxe Frei Fidélis de volta ao Brasil. Desembarcou em Recife, com duas imagens de N.S. de Fátima, esculpidas em madeira pelo mesmo artista, José Ferreira Tedhim, que traduziu a descrição da Ir. Lúcia, mais velha dos três videntes, na famosa imagem que se espalhou pelo mundo. De Recife, Frei Fidélis visitou de ônibus as capitais do Nordeste, e depois, de avião passou por Salvador da Bahia, Paulo Afonso, Belo Horizonte, São Paulo, até chegar a Passo Fundo, de onde prosseguiu de ônibus até Lagoa Vermelha⁴.



*“Fui à presença de
Lúcia que me disse
o que queria e não
queria na imagem”*

(José Ferreira Thedim)

⁴ O Fidélis me contou que ao desembarcar em Recife a Alfandega lhe sequestrou a imagem. Por isso tratou de voltar ao navio para alertar o Frei Bernardino a fim de que inventasse uma maneira de impedir que isso acontecesse no Porto de Santos. Frei Bernardino, muito esperto, organizou por ocasião do desembarque uma procissão com devotas que saíram carregando a Imagem de N.S. de Fátima enquanto cantavam “Louvando Maria” e rezando o Terço, salvando assim, aquela Imagem que haveria de se tornar célebre como a “Fátima das pombinhas”, sempre presente das peregrinações Missionárias dos Freis Capuchinhos pelo Brasil.

Portugal marcou muito a vida do Frei Fidélis. Em agosto de 1995, 43 anos depois, tive a ventura de acompanhá-lo a Portugal, numa viagem com todas as características de *um retorno ao passado*. Foi uma viagem fascinante, indescritível, pena não ter registrado tudo com uma filmadora. Passamos por Lisboa, Santarém, Porto (onde reencontramos seu companheiro Antero Nogueira, que o acompanhou na excursão em ‘limonsine’ pela Europa), passamos por Barcelos e Braga, onde, segundo pesquisa de dois anos antes, 60% da população participava da Missa aos domingos, região de muitas vocações sacerdotais, 400 presbíteros e 12 bispos espalhados pelo mundo (daqui atravessamos a fronteira e fomos até Santiago de Compostela). Estivemos em Guimarães (berço da histórica imagem de N.S. da Oliveira encontrada nos campos de Vacaria); Castelo Branco, Viseu (de onde Irmãs da Congregação de Jesus Maria José, fundadas por Rita Amada de Jesus, com sede no Brasil, nos levaram a orar na sua sepultura e depois a visitar a casa em que faleceu a fundadora, em Casamendinho), Évora, a ex-Escola de Sagres, Algarve, Faro, Lisboa... Foram reencontros emocionantes, indescritíveis, como aquele quando estando a aguardar na Sala de recepção das visitas do Convento dos freis Capuchinhos em Barcelos, de repente abre-se uma porta e surge um dos seus ex-alunos, Frei Miguel de Negreiros, faz uma reverência e declama uma bela poesia que aprendera nas aulas do Frei Fidélis, 45 anos antes. Ou aquele encontro com Maria Lúcia Mello Horta, na cidade de Faro, com quem manteve correspondência epistolar por quatro décadas. Alguns reencontros foram de alegria indescritível, outros surpreendentemente dolorosos, onde a comunicação foi impossível devido ao esquecimento completo do passado, provocado por deficiências comuns da idade avançada (Alzheimer), como foi com o Frei Manuel Gameira, em Lisboa, cujo irmão tinha sido embaixador no Brasil, que não mais reconheceu o Fidélis. Muitos dos velhos amigos, recente ou há muito tempo, *já tinham partido para o ‘último andar’*. Limitações implacáveis do tempo, ou melhor, do ser humano que passa por este mundo.

CIDADÃO DE LAGOA VERMELHA

De volta ao Brasil, Lagoa Vermelha foi adotada pelo Fidélis como seu *novo berço*. Assumiu o cargo de professor, secretário e vice-diretor do Ginásio Duque de Caxias, único educandário de 2º Grau de toda a Grande Lagoa Vermelha, com cursos ginásial, técnico de contabilidade e datilografia. Dispondo de internato, estudavam jovens de diversas cidades dos Campos de Cima da Serra: Vacaria, Bom Jesus, Ausentes, Cambará e até de Passo Fundo. Por esta escola passaram jovens de projeção nacional, como os deputados Jarbas Lima e Edivar Francisco Appio, outros se tornaram juízes, desembargadores, professores, sacerdotes, escritores, prefeitos, advogados e empresários de destaque.

Frei Fidélis, de espírito franciscano, foi sempre um grande admirador e divulgador das belezas dos Campos de Cima da Serra. Durante décadas, ninguém como ele, organizou tantas excursões para visitar a região dos Aparados da Serra, notadamente o Itaimbezinho (do guarani, *pedra afiada*, com 5,8 m de extensão e 720 m de profundidade), que serviu-lhe de inspiração para o seu segundo romance, *Prisioneiros do Abismo* (neste livro descobri que aquela espécie de urtigão, com folhas enormes e que existem também à beira da estrada para além de Bom Jardim da Serra, próximo à descida da Serra do Rio do Rastro e na Carretera Austral, no Chile, chama-se *gunnera manicata*). Fidélis desceu o canyon do Itaimbezinho por sete vezes. Muitas pessoas, como Ana Amélia Lemos (senadora), lembram com saudades das excursões organizadas pelo Frei Fidélis para outros lugares como Foz do Iguaçu, Ouro Preto, Rio de Janeiro, Vila Velha, Praias de Torres, Morro dos Conventos... Seu primeiro romance, *O Prisioneiro da Montanha*, escrito em 1960 e que já teve 9 edições, também inspirou-se numa paisagem peculiar dos Aparados, o famoso *Realengo*. A última edição foi publicada em 2017 em homenagem ao autor, com a mesma capa da 1ª Edição e muitas fotos coloridas da região, bem como endereços de pousadas de São José dos Ausentes e Morro Grande. O Realengo, palco principal do Prisioneiro da Montanha, por se ter acesso abaixo dos 800 metros de altitude, pertence ao Estado de Santa Catarina, ou seja, ao município de Morro Grande, que tão bem está explorando seu potencial turístico.

O Fidélis, sempre arranjava tempo para escrever artigos diversos, publicados nos jornais da cidade, da região e até da Capital. Seu registro de jornalista profissional era o de nº 2869. Mais que tudo isso, o Fidélis tinha vocação para escritor de livros. O início de sua aventura literária foi até dificultada pelos seus superiores, mas ele acabou vencendo. Suas primeiras obras, quase todos os seus romances, tiveram a marca de alguém que se sente prisioneiro do destino, daí por que: *Prisioneiro da Montanha, P do Abismo, P do Campo, P dos Bugres, P de Vila Velha, Anjos Prisioneiros...*

Fidélis se destacou como biógrafo: *A Coloninha* (este foi o 1º título de *Santa Madre Paulina, a Coloninha*, já com 14 edições, publicado também em espanhol e italiano), *Clélia Merloni e Rita Amada de Jesus* (fundadoras de Congregações Religiosas), *Santa Maria Goretti, São Paulo, São Domingos Sávio, Santo Tomás de Aquino, Daniel Bertelli e Victório Righi* (empresários), *Pe. Narcizo Zanatta, O sorriso de Mônica, e outras... sendo Maria Elizabeth de Oliveira*, a mais famosa de todas, sob o título de *Uma Estrela no Céu*, já com 35 edições.

Fidélis foi também um grande pesquisador da história de diversos municípios. Ninguém como ele conhecia palmo a palmo a região de Lagoa Vermelha. Provavelmente todas as famílias mais antigas receberam a sua visita, sobretudo por ocasião da preparação da *Nova História de Lagoa Vermelha*. Toda vez que eu viajava com ele pelo interior, era um prazer ouvir relatos interessantes como: “*por aqui os maragatos pelearam com os chimangos*”, “*ali adiante os borgistas tiveram uma refrega*”, “*por aqui fiz a maior caçada de minha vida*”, “*todos estes campos pertenciam aos Muliterno*”, “*nesta região se estabeleceram os Vieira, os Telles, os Hoffmam, os Godinho, os Nunes, etc.*” É uma pena não poder perpetuar a mente de pessoas como o Fidélis, pena que estes arquivos se apagam com o tempo e com a morte. Frutos de incansáveis pesquisas surgiram livros como *Vacaria dos Pinhais, Antônio Prado e sua História, São Vergílio da Segunda Léguas, Realeza, Caseiros, A Diocese de Vacaria, Nossa Senhora Consoladora de Ibiaçá, Águas de Piratuba, etc.* Fidélis publicou também *História do Rio Grande do Sul*, hoje na 4ª edição.

Fidélis publicou outras pequenas obras, de contos e de pequenas biografias... ao todo são 55 obras. A primeira: *Semblantes de Pioneiros* é, juntamente com *Naneto Pipeta*, de Achilles Bernardi, um clássico da imigração italiana, objeto de estudos em pesquisas de Mestrado da Universidade de Caxias do Sul. Sua última obra: *80 anos de amor ao trabalho*, da qual também me sinto participante, é um complemento de *Caminhos do Senhor*. Foi durante aqueles treze dias de agosto de 1995, enquanto percorríamos Portugal do centro para o norte e de norte a sul, que decidimos pelo título desta sua última obra. Estávamos já próximos de Évora, antiga cidade romana dos tempos áureos do Império dos Césares - onde ainda se conservam ruínas do templo de Diana, parte das muralhas e do aqueduto - que ele decidiu: *“Isso mesmo, assim se chamará o livro de minhas memórias: 80 anos de amor ao trabalho”*. Este título resume, com certeza, o que foi sua existência. Uma vida de muito amor ao próximo, de amor a Deus e à mãe natureza. De muito trabalho como professor e secretário, como sacerdote e escritor. Todas as suas publicações foram redigidas a mão e, depois, datilografadas na já desgastada maquininha de teclado português, que ainda conservo como relíquia, junto à coleção de seus livros. Não teve tempo de se adaptar às facilidades do computador.

Fidélis assumiu Lagoa Vermelha como sua segunda terra natal e em reconhecimento, esta comunidade o adotou como um dos seus filhos, outorgando-lhe o título de *cidadão lagoense* (23.10.1976). De fato, por aqui Fidélis viveu metade dos seus 81 anos de amor e trabalho. Fidélis Dalcin Barbosa é, sem dúvida, uma referência imprescindível para o presente e o futuro da História de Lagoa Vermelha.

O Fidélis foi um viajante incansável. Aprendeu a dirigir com 54 anos de idade, depois de ter casado com a enfermeira Carmelina Camatti, mas, seus últimos 25 anos foram de muita estrada. Realizou incontáveis viagens a Bento Gonçalves, onde residiam seus pais e irmãos, a Medianeira no Paraná (onde residiam quatro irmãos da Carmen), Bagé, Livramento, São Gabriel (onde residiu o seu irmão o Pe. Firmino), Carlos Barbosa (onde foi principal motivador das duas

primeiras Festas da Família Dalcin (26.05.1991 e 3.12.1995), Porto Alegre (onde costumava publicar seus livros com Frei Rovílio Costa), Pelotas, Caxias do Sul, Gramado, Vacaria, Bom Jesus, etc. Acompanhei o Fidélis em muitas de suas viagens pelo Oeste do Paraná, a Curitiba e na grande *viagem de volta ao passado* em Portugal, passando por Madri, Santiago de Compostela e Buenos Aires. Outras vezes ele nos acompanhou, como naquela *viagem memorável* que fizemos num Fiat Palio EDX 1.0, pela Argentina, Chile e Uruguai, em companhia de meu pai, Atílio Germano Dalcin, e do Fabiano Dalcin, meu sobrinho, que foi missionário em Moçambique e hoje reside em Tapejara. Esta última grande viagem, foi também a concretização de um velho sonho seu, sempre postergado e que resolvi contribuir para que acontecesse. Esta viagem aconteceu em fevereiro de 1997, três meses antes de sua grande e definitiva viagem para a Casa do Pai.



Foram 11 mil km por Cordoba, Mendoza, Santiago, Puerto Mont, Bariloche, B.Aires, Mondevideo

Eu, que tive o privilégio de conviver bastante com o Fidélis e a Carmen, especialmente na década de oitenta e noventa, acompanhando-os em muitas andanças pelo Brasil e pelo exterior, imagino quão grande deve ser este pequeno homem no Reino dos Céus. Devo ao Fidélis, de quem herdei os direitos autorais de seus preciosos livros, o exemplo de um profundo respeito às pessoas e de dedicação incansável ao trabalho.

Na manhã fria do dia 10 de junho fui visitá-lo. Os campos amanheceram brancos, cobertos de geada e o frio era intenso. Há algum tempo sua aparência não era saudável, seu médico me havia prevenido que as coronárias estavam

“muito frágeis”, mesmo assim, sua memória fantástica brilhava. Saímos de carro para nos esquentar ao sol. Estacionamos a Belina, próximo à lagoa que, segundo alguns, sugeriu o nome para a cidade de Lagoa Vermelha. Enquanto caminhávamos pelo acostamento ele me segredou:

- *“Sabe, Ignacio, hoje pelas cinco horas da madrugada a morte andou me rondando! Me senti tão mal, tão mal que cheguei a pensar que ia morrer. E daí pensei comigo: será que eu vou morrer justamente no Dia de Portugal”* (Como se fosse 7 de setembro para nós do Brasil). E eu, em tom de brincadeira o alertei: - *“É, Fidélis, toma cuidado porque o dia ainda não acabou. Por isso, após o almoço vou te levar ao Consultório do Dr. Nezello. Combinado?”*

Nós dois tínhamos consciência de que a “despedida” estava próxima, mas não queríamos acreditar no pressentimento. Enquanto eu tentava descobrir o que fazer para afugentar a morte, ele continuou:

- *“Ignacio, vamos voltar para a cidade. Eu quero fazer um documento passando meus bens para você e, assim, se acontecer alguma coisa, você cuida da Carmen, tá?”*

Tentei convencê-lo de que era cedo para se pensar nisso e de que, além do mais, no domingo chegaria o Padre Firmino, com quem poderíamos tratar destas coisas. Na verdade *é muito simples e silenciosa a morte dos jutos...* São Francisco tinha razão em cantar: *“Bem-vinda, irmã morte, necessária para se entrar na vida eterna!”*

Depois de deixá-lo no Consultório do cardiologista Cesar Nezello, fui presidir a Eucaristia no Capão Bonito do Sul. Ao retornar, quando cheguei na sua casa logo me disseram: *“O Fidélis está na UTI do Hospital São Paulo. Corra lá que ele auer falar contigo.”*

Quando me viu foi logo dizendo:

-*“Ignacio, estou no fim. Sinto uma grande angústia, tenho dificuldade para respirar! Cuide da Carmen e dos meus livros”*. Peguei em seu braço e mão livre e lhe disse: -*“Então vamos rezar ...”* E procedi ao ritual do sacramento da Unção dos

Enfermos, o viático dos que partem para a cada do Pai. Por fim, ao me despedir em definitivo ele ainda me recomendou:

-“Cuide da Carmen e dos meus livros, tá?”.

Antes de ultrapassar a porta me acenou mais uma vez. Instantes depois, Fidélis partiu serenamente para o “Último Andar”. Seu pressentimento estava certo: justamente no dia 10.06.1997 - Dia de Portugal, que ele tanto amava, e no mesmo dia da morte do autor dos Lusíadas, Luís de Camões - o Fidélis se despediu deste mundo para VIAJAR, ou como diria a poetiza Cícilia Meireles, *“para ir morar no último andar. Lá é bem melhor, ninguém pode maltratar. Do último andar se pode ver o mundo e o mar. É lá que eu quero morar.”*

Na celebração de despedida, na manhã seguinte, na Matriz São Paulo Apóstolo, Dom Orlando Dotti resumiu a vida do Fidélis com estas palavras: *“O Fidélis tinha uma **alma franciscana**. Ele via tudo com os olhos da beleza, da simplicidade, da grandeza de Deus. Tinha um **amor especial pelas coisas de Deus e da Igreja**. Escreveu a biografia de diversos santos, entre os quais a da Madre Paulina. Seu livro serviu de base a Ir. Célia Cadorin na redação do processo para beatificação desta religiosa que ele descobriu como “A Coloninha”. Tinha um grande **amor à terra, à pátria**: Lagoa Vermelha que ele adotou como sua terra, está perdendo um de seus filhos mais ilustres. Ele vai ser referência histórica para tudo o que se falar sobre esta região e o Estado do Rio Grande do Sul, do qual ele escreveu uma história primorosa. Destacamos também **sua mansidão de coração**. Amigo de todos, era uma pessoa tranquila, apesar das dificuldades e problemas que enfrentou, conservava sua adesão plena e total fé em Deus. Esta é a vida de uma personalidade tão rica sobre a qual seria até difícil encontrar defeito. Por isso, nós temos a certeza de que Deus o tem na sua glória. Ao mesmo tempo ele estará sempre conosco, nos seus livros, na história de nosso povo e, acima de tudo, no nosso coração”.*

Nas orações de sepultamento presididas pelo seu irmão o Pe. Firmino Dalcin, em Bento Gonçalves, tivemos ainda outros depoimentos: *-“O Fidélis era uma pessoa de muita fé. Só Deus sabe quantos terços nós rezamos juntos na área de nossa casa, lá em Medianeira. Nunca nos esqueceremos do seu exemplo e*

testemunho de vida” (Olívia Camatti, Ministra da Distribuição da Eucaristia). - *“Conheço muito bem o Fidélis. Não tenho dúvidas, não se preocupem, ele é um santo!”* (Fr. Nestor Ferronato, representando a Província dos Capuchinhos, RS).

Carmelina Camatti (Da. Carmen)⁵, fiel companheira do Fidélis, permaneceu em Lagoa Vermelha, por alguns anos, na velha moradia que herdara em uso fruto. Esteve sob os meus cuidados até falecer no dia 20 de julho de 2004, depois de longa enfermidade no Hospital Pronto clínica São Lucas de Passo Fundo, sendo sepultada em Bento Gonçalves, na mesma sepultura da Família Dalcin.

⁵ Da. Carmem, como era conhecida entre nós, teve uma história de amor muito interessante. Fidélis a conheceu quando era jovem noviça e trabalhava no Hospital N.S. da Oliveira em Vacaria, em 1947. Mais tarde foi transferida para Lagoa Vermelha e trabalhando sempre como enfermeira e responsável também pelo RAIÓ X, no Hospital São Paulo. Dizem que era muito bonita e com sua elegância e olhos azuis despertou as atenções de um fazendeiro viúvo (que herdara com a esposa Lívia Dias de Moraes terras na reta a oeste de Lagoa Vermelha e outras a partir da Lagoa que dera o nome à Cidade). As irmãs superiores, descobrindo este seu namoro, a transferiram para Veranópolis. Mas o seu Djalma Pinto não se deu por vencido: fez amizade com o Dr. Ivo Floriano Tauffi que o internava de quando em vez só para que pudessem se encontrar. Novamente as irmãs superiores a transferiram para a Casa Central das Irmãs de São José de Garibaldi, hoje transformada em Hotel/Pousada. Auxiliado por uma sobrinha seu Djalma deu um jeito de sequestrá-la de lá. Essa sobrinha visitava Da. Carmem com certa frequência e, numa dessas suas visitas, lhe deixou lá o necessário para se vestir como leiga e fugir do Convento. A fuga/sequestro aconteceu na Hora do Angelus, ou seja: quando todas as irmãs se reuniam na Capela para as Orações Vespertinas. Enquanto o seu Djalma a aguardava em frente ao Convento, Carmem se retirou da Capela e se dirigiu à Portaria, deixando o hábito das irmãs de São José no banheiro ao lado da sala de visitas, e se mandou com seu Djalma para Gramado. Por lá ficaram alguns dias e depois rumaram para Lagoa Vermelha, onde casaram no Civil e no Religioso. Após o falecimento do seu Djalma, Carmen continuou a trabalhar como enfermeira no Hospital São Paulo, quase anexo ao Colégio Duque de Caxias. E assim, quis o destino, que o Fidélis voltasse a se encontrar esporadicamente com a Carmen, até que um dia, a Carmen lhe fez a proposta esperada: *“Fidélis, me parece que você não se sente feliz. Que tal Você se casar comigo?”* Fidélis ficou muito contente e procurou entrar em contato com o seu Confessor, o Frei Ambrósio Tondello, que trabalhava na paróquia da Conceição em Caxias do Sul. Este lhe disse: *“Fidélis, Deus não quer a nossa infelicidade. Se, do fundo do teu coração, achas que este pode ser um caminho de melhor realização pessoal, com certeza terá a aprovação divina”*. A partir disto Fidélis deu encaminhamento ao pedido de dispensa dos votos religiosos e, em 1972, casou com Carmelina Camatti, permanecendo juntos até a morte do Fidélis, conforme relato acima, em junho de 1997.

Continuo cuidando dos livros do Fidélis. Por ocasião dos 20 anos de sua morte (10.06.2017), em sua homenagem, providenciei a publicação da 9ª edição de seu primeiro romance, “**O Prisioneiro da Montanha**”, com fotos ilustrando as belezas dos Aparados da Serra que ele tanto admirava, também com endereços das Pousadas de São José dos Ausentes e de Morro Grande. O livro “**Uma estrela no céu**”, sobre a vida de Maria Elizabeth de Oliveira, a “santinha de Passo Fundo”, se difundiu por terras distantes como na Suécia, nos Estados Unidos, no Uruguai, nas Filipinas, em Israel, e já vai para a 35ª edição. Seu livro “A Coloninha” que muito contribuiu no processo para a canonização da Madre Paulina, a primeira do Brasil, tem hoje o título de “**Santa Madre Paulina, a Coloninha**”, também publicada em italiano e espanhol, já tem 14 edições (com satisfação repassei os direitos autorais desta obra para a Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição).

Conheci o Fidélis quando pela primeira vez veio nos visitar lá no interior de Ibiraiaras, quando ainda éramos crianças. Lembro-me que ele quis nos fotografar e nos deixou alguns livros. Devo muito ao Fidélis que me adotou como amigo e irmão. *Seu coração franciscano era como o de uma criança, diria, do jeito como Jesus recomenda para que possamos entrar no Reino dos Céus.*

Deixo através deste livreto minha homenagem e gratidão ao Fidélis, meu amigo e irmão. Como já relatei acima, o Fidélis, no dia de sua morte, expressou o desejo de deixar o pouco de seus bens em minhas mãos a fim de que pudesse melhor cuidar de sua companheira, Da. Carmelina e de seus livros. Todavia nunca imaginei que haveria de me reservar uma surpresa que só descobri 25 anos depois de sua morte:

No dia 12 de agosto de 2019, recebi uma ligação do Lucas, funcionário da Agência Sicredi de Lagoa Vermelha, dizendo que alguém de Ibiacá, depositara por engano certa quantia numa antiga conta que eu tinha na Agência Sicredi de LV (na verdade esta minha conta só tinha um centavo e só não fora eliminada por causa da tal *cota capital*), e que era necessário estornar. Daí fui numa Agência Sicredi aqui de Passo Fundo e, devido a Pandemia Covid-19, via on-line, fizemos o

estorno. Dois dias depois o Lucas me agradeceu e pediu que eu providenciasse uma Certidão de Óbitos do Sr. Fidélis Dalcin Barbosa, para assim, poder transferir uma razoável quantia que ele havia deixado em conta conjunta comigo. Fiquei surpreso, pois ele nunca me falou de tal conta. E na segunda-feira seguinte, dia 17, passei por Lagoa Vermelha em companhia do vizinho Francisco Borba que me convidou para viajar até Camboriú e, qual não foi minha surpresa, lá estavam quase 50 mil reais a minha disposição.

Ao Fidélis minha homenagem e gratidão. E que ele, lá do “Último Andar”, interceda por todos nós.

Nasceu em Torino aos 15.12.1915

1928 – Seminário em Alfredo Chaves

1933 – Frei Fidêncio em Nova Trento

1934 – Filosofia (Marau) Teologia (G)

1940 – sacerdote 1941/2 –

Veranópolis

1942/45 – Pelotas 1946 – Vacaria

1947 – Diretor do Correio

Riograndense

1947/52 – prof. Português - Porto

1952/69 – Lagoa Vermelha

1972 – Casou com Carmelina Camatti

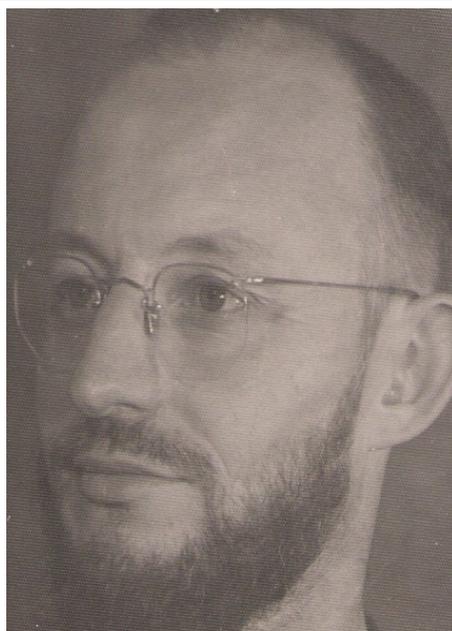
1976 – Cidadão de Lagoa Vermelha

1977 – Aposentou-se como professor

1995 – Viagem de retorno a Portugal

1997 – Viagem Argentina e Chile

+ 10.06.1997 -> “Último Andar”



Tudo aquilo que vivemos permanecerá para sempre, tudo estará registrado no LIVRO DA VIDA.

Não lamentemos o passado, nem nos preocupemos em demasia com o que ainda não existe. Alimentemos nosso pensamento, nosso coração, com sentimentos de compaixão, de justiça, de benevolência, de perdão, de otimismo e, sobretudo de confiança no Criador que nos foi revelado por Jesus, o FILHO DO HOMEM, como Pai que nos ama e nos quer felizes.

Concluo com uma sugestão que li em algum lugar, não recordo onde:

“Se você ver a Lua você verá a beleza de Deus.

Se você ver o Sol verá o poder de Deus.

Se você ver o espelho, você verá a melhor criação de Deus.

Então acredite nEle, somos todos turistas,

Deus é o nosso agente de viagens .

confie nEle e desfrute da viagem, chamada VIDA.“

Ignacio Dalcim - Páscoa de 2021

Passo Fundo (54) 9 9971 7717

CONTINUAMOS A EXISTIR NA MEMÓRIA DE NOSSOS AMIGOS



Frutillar L. Llanquihue e V. Osorno - Chile

com o Ir. Martinha em Curitiba

Fidêncio Dalcin



Fidélis Dalcin Barbosa

Nascido aos 14.12.1915 em Carlos Barbosa.

1933: Integrado na OFM Capuchinhos com o nome de Fidélis.

1972: casou com Carmelina Camatti.

Como sacerdote trabalhou em Veranópolis, Pelotas, Vacaria, Caxias do Sul, Garibaldi, Porto (Portugal) e Lagoa Vermelha, onde iniciou sua vida literária publicando *Semblantes de Pioneiros* o 1º dentre e 55 livros, dentre os quais se destacam: *Prisioneiro da Montanha* (9ª edições), *Uma estrela no céu* (35 ed.), *Santa Madre Paulina* (14 ed.), *História do Rio Grande do Sul* (4ª ed.), *Prisioneiros do Abismo* (3 ed.), *História de Lagoa Vermelha, Vacaria dos Pinhais, Antônio Prado... Biografias do Pe. Narciso Zanatta, Daniel Bertelli e outros.*

10.06.1997: Partiu para o "Último Andar".